

I

“Paradoxo de Narciso” foi publicado pela primeira vez na *Isaac Asimov Magazine* brasileira em 1991, no seu número 16. Os paradoxos das viagens no tempo estão entre os temas que mais me fascinam na especulação científica, e minha ideia original era escrever uma série de contos, cada qual abordando um paradoxo diferente. Mas, como tantos outros projetos, esse não passou do chute inicial.

PARADOXO DE NARCISO

Seu maior fascínio eram os famosos paradoxos: você viaja ao passado e mata o avô antes que ele conheça a avó. Nesse caso, como poderia ter nascido? Como poderia ter voltado no tempo e cometido o crime? E o paradoxo do objeto que circula no tempo, explorado no antiquíssimo filme *Em Algum Lugar do Passado*: nele, o personagem ganha um relógio de presente de uma velha atriz. Volta cerca de cinquenta anos, apaixona-se pela jovem que ela foi e, ao retornar à sua época, deixa-lhe como lembrança o mesmo relógio. Fica no ar a pergunta: de onde esse objeto surgiu, quem o fabricou, quem o vendeu? Em que momento entrou na roda do tempo?

*

E foi ele que inventou a máquina, um dos sonhos mais explorados nas histórias de ficção científica. E foi ele que experimentou o primeiro paradoxo, dos muitos que a humanidade enfrentaria na busca de desvendar todos os enigmas que a invenção inevitavelmente suscitava. Resolveu chamá-lo de *Paradoxo de Narciso*, mesmo sabendo que, depois de tudo, era um nome irônico demais.

Mas não foi uma decisão fácil. Antes ficava horas e horas olhando a esfinge de aço e plástico, grávida de bilhões de microcircuitos. Na verdade não temia um fracasso da máquina: os testes com objetos e animais haviam mostrado que tudo funcionava perfeitamente — demais, pensava algumas vezes. A questão era: por que não começar evitando os paradoxos que espreitavam em quase todas as experiências imaginadas?

*

Há doze anos.

Na verdade não estava tão despreparado quanto demonstrou: desde que sonhara pela primeira vez com a máquina, a possibilidade estivera cochilando em sua mente, como um leão imobilizado por alguma droga cujo efeito poderia — a qualquer momento — passar.

Mas, mesmo que estivesse preparadíssimo, ver a si próprio surgir do nada no meio do laboratório era de deixar qualquer um às portas da loucura. A primeira reação foi gritar e sair correndo, mas a voz se recusava a abandonar a garganta e os músculos da perna perdiam toda a capacidade de sustentação. Deixou-se cair na cadeira, o corpo tremendo à beira de um colapso, a mente embaralhada, os olhos tão arregalados que chegavam a doer, o ar entrando pela boca aberta como numa câmara de vácuo subitamente rompida.

*

A experiência deu certo. Por alguns momentos chegou a ser dolorosa, mas não impossível de suportar. Era como se os terminais nervosos não soubessem exatamente que mensagens enviar ao cérebro — e a novidade para a qual a estrutura humana não fora programada chegava aos centros sensoriais como uma mistura de comichão, fisgadas, estímulos eróticos e alguns pequenos distúrbios visuais e sonoros. De qualquer modo, já esperava algo do tipo, pelo que havia observado nas reações das cobaias. Passava rápido. Respirou fundo e reordenou as ideias longamente programadas.

Sabia que o encontraria numa situação de pânico, e foi com o jeito condescendente de um viajante do futuro que falou:

— Não fique abalado, está acontecendo de verdade: você... ou melhor, eu consegui.

Viu a si próprio tentando articular qualquer som, pateticamente agarrado à cadeira, frágil, bobo, ultrapassado, e sentiu uma tremenda pena. Desejou citar um comercial de televisão que vira no museu de curiosidades do século anterior:

— Eu sou você amanhã!...

Mas não achou graça. Era estupendo o esforço que fazia para digerir a situação dos dois lados: ele do futuro tentando passar uma imagem vitoriosa de si próprio; ele do passado tentando merecer aquela visita que antecipava e confirmava todos os sonhos.

*

Não foi à toa que havia escolhido exatamente aquele dia para voltar. Naquela manhã há doze anos intuía o principal caminho que o

levaria à solução do problema. Seria uma bela coisa chegar e contar a si mesmo que estava certo, que valia a perseverança.

O estranho é que em sua memória não havia registro de uma visita do futuro naquele dia.

Era esse o primeiro aspecto do Paradoxo de Narciso, e era verdadeiro, estava acontecendo! Não conseguia pensar durante mais do que alguns segundos sem ficar perturbado. Ali estava ele, e uma sensação que nunca imaginara possível o arrebatou: a de finalmente encontrar alguém muito querido, alguém a quem poderia guiar nos caminhos tortuosos do tempo — corrigindo as dificuldades, prevenindo as falhas — e afastar dos fracassos, aliviar os sofrimentos. Difícil enxergá-lo como a si mesmo: estava ali, vivo, em carne e osso, pulsante, em três dimensões. Tão diferente visto de fora e ao mesmo tempo tão igual, cheio de defeitos: a postura encurvada por anos de estudos, o olhar tímido, a imagem oposta à que sempre havia fantasiado.

*

Quando o viu em pé, sorrindo meio sem graça, como se envergonhado pela intromissão no passado, perdeu um pouco do medo e voltou a respirar num ritmo mais definido. O ele que comparecia à sua frente não era assim tão especial: continuava com os ombros ligeiramente caídos, o rosto pálido cheio de emoções enclausuradas. Apenas mais velho — e não necessariamente mais sábio. As roupas, como sempre, folgadas e apertadas exatamente nos lugares errados (como ficava óbvio o pouco caso que despertava nas mulheres!)... O olhar tímido e quase amedrontado. Provavelmente ainda não havia superado a dificuldade de estabelecer relacionamentos de qualquer tipo. Que pena; isso significava que as decisões de mudar, tomadas esporadicamente, continuariam não fazendo efeito por muitos anos. Sentiu aos poucos que, afinal, não estava numa posição tão inferior: quem vinha do futuro era ele mesmo, nem melhor nem pior, apenas uma consequência do agora.

Então estava certo, suas fantasias não eram loucura!

Mesmo assim não conseguia achar o que dizer:

— Desculpe, não quer sentar? — Riu sem jeito e voltou atrás: — Quero dizer: eu não quero sentar?... Estranho fazer uma pergunta a

mim mesmo, não? — E riu de novo, pensando que estava ao menos abrindo uma nova possibilidade de linguagem.

De repente sentiu uma vontade doida de perguntar sobre o invento, mas ficou sem graça, como se fosse uma intromissão no trabalho de outro. Sentia que era necessário estabelecer alguma conversa preliminar, se bem que não atinasse com um tema informal para falar a si mesmo.

*

Depois de rodeios mal arrumados, buscando talvez uma intimidade que não chegava facilmente, o outro começou a perguntar sobre a máquina do tempo — e ele sentia sérias dúvidas sobre se deveria responder. Afinal, respondendo, economizaria um tempo enorme. Mas, por outro lado, se inventasse a máquina antes de quando tinha inventado, não seria naquele momento que voltaria, não... Era o paradoxo novamente se imiscuindo! Melhor não pensar. Deixar que a emoção do momento guiasse a loucura.

*

Sentou-se lado a lado no velho sofá que tantas vezes servira de cama em noites agitadas por problemas insolúveis. A conversa já fluía com mais consistência, interrompida o tempo todo por risos, sensações de desconforto pela intimidade violada. Era perturbador demais estar com alguém que sabia absolutamente tudo sobre ele. O velho truque de parecer mais seguro do que realmente era não funcionava, as dissimulações do cotidiano eram barradas e, quando escapavam, o olhar zombeteiro fitando seus olhos demonstrava a inutilidade de qualquer máscara.

Nem ele nem ele seria capaz de dizer qual deu o primeiro passo. Se foi a mão no ombro, se um simples olhar. Riu novamente sem jeito: não podia voltar atrás. Ele se conhecia muito bem, e era preferível assumir o gesto a fingir que nem havia pensado naquilo.

Olhou-se de perto. Não era como um reflexo: via-se de modo totalmente novo, inesperado, nítido. E não podia negar, porque sempre soubera, apesar de num nível inconsciente: estava apaixonado.

Não era uma paixão homossexual, muito menos masturbação. Era

quase como na pré-adolescência, quando se pegava beijando o espelho. E dessa vez havia resposta, havia calor, havia — pela primeira vez na vida — reciprocidade.

Ele sabia tudo de que ele gostava. Tinha os mesmos caprichos que ele, as mesmas preferências e — o que mais agradava — o mesmo ritmo, o mesmo tempo. Agora podia chegar ao clímax simultaneamente, com o mesmo fogo, a mesma paixão. Gargalhou alto demais quando as mãos se cruzaram buscando objetivos idênticos: um pouco tentando esconder o nervosismo, um pouco porque aquela era a última barreira consigo mesmo. Se conseguia se amar — de um jeito grandioso e bem humorado — o resto do mundo não importava.

Foi como jamais sonhara com qualquer outra pessoa. Mesmo achando esquisito, já que nunca havia se relacionado com outro homem. De qualquer forma, não era outro homem: era ele mesmo! Deixou-se ficar, vendo-se de dois ângulos e dois tempos diferentes, cheio de lassidão e felicidade depois do prazer, nem querendo descobrir as consequências do que havia feito — as estranhas perturbações no fluxo do tempo que seu ato de amor poderia provocar.

*

Nenhum dos dois seria capaz de dizer como começou a primeira discussão. Foi tão natural quanto o primeiro toque: resultado da intimidade mais absoluta que dois seres já puderam compartilhar.

Estavam abraçados por um tempo que nem ele nem ele saberia medir. Perdido na descoberta, havia experimentado até as últimas fronteiras de si mesmo.

E agora surgiam as discordâncias. Ele não era como gostaria: impaciente, irredutível, o absoluto oposto dos sonhos. Não. Não lhe agradava aquele tom arrogante de quem já sabe das coisas, as reticências quando perguntava algo específico sobre fontes de energia ou cálculos matemáticos complexos. Fingindo não ter mais dúvidas ou medos doze anos à frente. Pedante!

Estava na hora de acabar com a brincadeira, por melhor que tivesse sido. Antes que chegasse a um ponto insuportável.

*

Alguma coisa estava errada, não conseguia voltar!

Os passos haviam sido previstos, a máquina fora regulada para levá-lo automaticamente depois de um tempo determinado. Por que não voltava? O equipamento de reserva também se mostrou inoperante. Num segundo, o último resquício de prazer foi substituído pelo desespero de estar preso no passado. Ainda havia muita coisa a melhorar na máquina e de modo nenhum desejava esperar até poder construí-la outra vez.

E, para dizer a verdade, estava de saco cheio do ele antigo: quase simplório, com a pretensa dignidade e todas aquelas críticas aos caminhos que acabara tendo que tomar, como se não pensasse que era ele mesmo que iria tomá-los no futuro! Não, definitivamente não gostava do sujeito: cheio de perguntas, querendo queimar etapas que tivera que superar passo a passo, à custa de noites insones e fracassos insuperáveis. Precisava voltar, precisava dar um jeito. Se ficasse preso no passado, a última coisa que desejaria era ficar junto dele. Iria para outro lugar, viver uma vida paralela à sua própria, existindo duas vezes simultaneamente, com a vantagem de já conhecer os caminhos. Poderia ficar rico com os conhecimentos que havia acumulado, poderia — mesmo que demorasse — montar outra máquina, voltar ao seu tempo ou ir a qualquer outro, regressar novamente ao mesmo dia e viver três vidas paralelas, quatro, mil. O paradoxo abria caminhos bem interessantes.

Foi até a porta. Estava trancada.

— Cadê a chave? — perguntou, irritado. — Quero sair, pensar um pouco.

— Você sabe que eu nunca fecho a porta! — Levantou-se e foi experimentar. Era verdade, estava fechada. Procurou a chave no bolso da calça.

Encontrou. Virou-a na fechadura várias vezes e nada aconteceu. Juntou-se a ele fazendo força. A porta parecia estar presa. Foi até a janela e experimentou.

Trancada, também. Estranho. Pelo que lembrava, a janela estava totalmente aberta antes de tudo começar.

Voltaram à porta, redobrando os esforços. Lentamente ela foi se abrindo. Havia uma espécie de membrana ou película adesiva ligando a porta ao portal. À medida que puxavam, a membrana se esticava

sem se romper. Um dos dois ficou segurando a porta enquanto o outro tocava aquela superfície negra, que parecia absorver a luz totalmente.

Era suave ao toque, elástica, cedia à pressão mas invariavelmente retomava a forma original quando a mão se afastava.

Nem faca, nem fogo, nem qualquer objeto ou substância do laboratório se mostrou capaz de causar alguma alteração naquela superfície. No entanto parecia extremamente fina. Correram até a janela, forçando-a também. A mesma película negra e fosca vedava completamente o vão.

*

Ficaram longo tempo discutindo: apenas o laboratório ou toda a universidade estaria envolvida pela membrana? Teria algo a ver com a viagem no tempo? Aquela coisa mais parecia uma interface — ou a tensão superficial entre dois meios totalmente incompatíveis — do que propriamente uma substância. Como poderiam rompê-la? O que estaria acontecendo lá fora? O que *seria* lá fora?

*

A teoria a que acabaram chegando, dois cérebros idênticos pensando juntos, era que a natureza se resguardava dos paradoxos. Não impedindo a viagem no tempo, não impedindo que duas impossibilidades se encontrassem. Ela usava um meio muito mais sutil e infinitamente mais cruel: a prisão.

O tempo havia passado desde que se encontraram. Mas não sentiram fome, não sentiram qualquer necessidade, não perceberam o tempo passar. O tempo não havia passado desde que se encontraram. Estavam numa espécie de bolha de espaço-tempo, eternamente congelados num segundo, confinados num volume suficiente apenas para a convivência forçada.

Assim era a eternidade. Ele junto dele, para sempre, infinitamente agora.

*

Com a ironia definitiva do Paradoxo de Narciso: ele e ele sofriam de total incompatibilidade de gênios.